ATIVIDADE 3

O PODER DAS PALAVRAS

Daniel Cardoso
CICANT/ Universidade Lusófona

O papel e a importância da linguagem na estruturação da forma como vivemos, pensamos e interagimos é uma das áreas mais intensamente teorizadas dentro das ciências sociais, dos estudos culturais, e das ciências da comunicação (Butler, 2010; Cascais, 1993). Dentro desta perspetiva, a linguagem que usamos não se limita a exprimir desigualdades de género existentes, ela é uma das formas sociais de produção e reprodução dessas mesmas desigualdades – atravessando os níveis semântico, gramatical e ideológico (Abranches, 2011; Humm, 1995; Irigaray, 1998; Klobucka, 2010).

Isso quer dizer que a forma como falamos e como pensamos acaba por criar constrangimentos e limitações à forma como olhamos para o mundo, à maneira como somos capazes de nos percepcionar dentro do mundo, mas também como percepcionamos as outras pessoas à nossa volta. Este impacto é tanto mais intenso quanto menos visível se torna – ou seja, o ponto máximo de integração de uma ideologia é quando a mesma se naturaliza, quando se considera que uma determinada formação social é uma formação natural, incontestável e incontornável.

Muitas vezes, o desconhecimento ou apagamento histórico de onde surgem, e que lógica têm, certas e determinadas palavras contribui para esse mesmo processo de naturalização e normalização. Assim, olhar para a etimologia e para a pragmática de certos termos e palavras que se constituem como nexos particularmente fortes de significado pode ajudar a iluminar como a manutenção do sistema de género vigente está (também, mas não só) a cargo de gestos e atitudes do dia-a-dia às quais tantas vezes não prestamos atenção, especialmente quando elas são amplificadas pelos *media*. Permite também compreender, na prática, o conceito

de “falogocentrismo” (Derrida, 1975) – a forma como a masculinidade se torna o significante central em torno do qual tudo o resto é Outro.

Resumo da atividade

Objetivos

- Compreender, de forma simples e prática, o conceito de “Falogocentrismo” (Derrida, 1975), e a forma como os usos mais simples e vulgares da linguagem muitas vezes reproduzem estereótipos de género e acções de violência simbólica ou psicológica
- Refletir sobre a origem das palavras que usamos no dia-a-dia, e sobre a internalização da misoginia.
- Compreender como a cultura mainstream veicula mensagens ambíguas no que diz respeito ao género

Material Necessário

- Acesso ao YouTube ou a um computador com uma cópia de um vídeo armazenado (https://www.youtube.com/watch?v=GpO3lHIbBaA)
- Uma cópia da letra – uma por pessoa que participa na atividade (https://l-hit.com/pt/37553).
- Um computador ou smartphone com acesso à internet

Tempo Recomendado

30 minutos de duração estimada

Como desenvolver a atividade?

1. Ouvir em conjunto a música “Não te Adaptes”, de Valete.

2. Fazer uma ronda de discussão acerca de quais os temas principais da música.

3. Orientar a discussão em função da forma como a música denuncia o machismo explicitamente, mas também o faz em função da ideia de *slut-shaming* e do alimentar do mito do aproveitamento sexual usado por mulheres (ao invés da violência sexual usada por homens)

4. Fazer um levantamento de quais os termos mais potencialmente agressivos ou insultuosos contra mulheres que estão na letra (atente-se a *guarra*, castelhano para 'porca' no sentido pejorativo)

5. Listar outras palavras que são frequentemente usadas como insultos altamente genderizados

6. Analisar a lógica desses insultos à base da noção de que é a feminilidade o ponto de ofensa mesmo quando os insultos são usados contra homens, e geralmente têm que ver com 1) a sexualidade de mulheres (e.g., "cabrão", "filho da puta"), 2) a preservação da distinção entre homens e mulheres (e.g., "paneleiro"); notar a forma como insultos como o explicitamente usado na letra ('porca').

Perguntas para discussão

- Como é que usamos palavras para exprimir o nosso desagrado ou frustração com outras pessoas / coisas?
- Como é que essas palavras traduzem certas crenças ou ideias sobre género, sexualidade e desigualdade?
- O que é que conhecemos acerca do passado e do significado das palavras que usamos?
- A frustração e a fúria são emoções legítimas: como será que as podemos exprimir de uma forma que não contribua, mesmo que inconscientemente, para reproduzir desigualdades sociais?

Conclusão

Muitas vezes não nos apercebemos do que está implícito, escondido ou naturalizado por detrás da forma como falamos, e muitas vezes não nos apercebemos que uma mesma mensagem mediática pode, ao mesmo tempo, conter mensagens positivas e negativas.

Ganhar consciência do que dizemos, como dizemos e, acima de tudo, porque dizemos, é fundamental para adquirir uma atitude mais crítica e aumentar a nossa literacia mediática e cidadã.

Recursos complementares e de apoio

Abranches, G. (2011). Como se fabricam as desigualdades na linguagem escrita. *Cadernos SACAUSEF*, 8, 33–37.

Butler, J. (2010). Performative acts and gender constitution: An essay in phenomenology and feminist theory. In C. R. McCann & S.-K. Kim (Eds.), *Feminist theory reader: Local and global perspectives* (pp. 19–430). Routledge.4

Cascais, F. (1993). Paixão, morte e ressurreição do sujeito em Foucault. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 19, 77–117.

Derrida, J. (1975). Le facteur de la verité. *Poétique: Revue de Théorie et d'Analyse Littéraires*, 21, 96–147.

Humm, M. (1995). Écriture féminine. In *The dictionary of feminist theory* (2nd ed., pp. 75–76). Ohio State University Press.

Irigaray, L. (1998). Linguistic sexes and genders. In D. Cameron (Ed.), *The feminist critique of language: A reader* (2nd ed., pp. 119–123). Routledge.

Klobucka, A. (2010). Sobre a hipótese de uma herstory da literatura portuguesa. In M. J. Magalhães, M. Tavares, S. Coelho, M. Góis, & E. Seixas (Eds.), *Quem tem medo dos feminismos? Congresso Feminista 2008—Actas (Vol. 2, pp. 230–237)*. Nova Delphi.